ANO II
ED. 04

COLORSdj

ELOWINZ

O PRIMEIRO ÍCONE REPRESENTANTE DO PSYTRANCE HOMENAGEADO EM 2022

COLORSdj

ANO II - Ed. 04

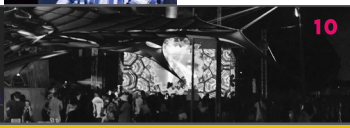
ÍNDICE

MÚSICA

03 **DESTAQUE**
Conheça Nati M., o primeiro Destaque do novo ano da Colors DJ

07 **ENTREVISTA**
Os sete anos de história do DJ e empresário Fabyo Marquez

10 **EVENTO**
Cobertura de eventos Colors: Bloom Réveillon, o novo florescer em 2022



NOTÍCIAS

14 **NOTÍCIA**
FORTALEZA - VacinArte: entretenimento e cuidado com os pequeninos no Centro de Eventos

15 **NOTÍCIA**
Conhece uma pessoa trans?

16 **NOTÍCIA**
Associação de telemarketing está preocupada com prefixo 0303 exigido pela Anatel

HISTÓRIA

17 **ÍCONE**
Elowinz: o primeiro ícone representante do psytrance homenageado em 2022

22 **MATÉRIA**
Psy Trance no Brasil: Como tudo começou?

PROFISSÃO

27 **COLUNA**
SANTANA TREINADOR MENTE BLINDADA: Aperta o play!

29 **ENTREVISTA**
A arte de Bry Ortega

REVISTA DIGITAL INTERATIVA

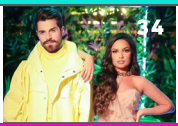
COLORSdj

ANO II - Ed. 04

ÍNDICE

I.D.

LANÇAMENTO 34
Nesta sexta, os astros Alok, Luis Fonsi, Lunay, Lenny Tavarez e Juliette apresentam a faixa "Un Ratito"



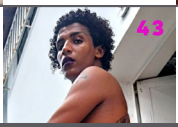
LANÇAMENTO 37
Jeff Valle lança o seu 5° EP experimental trazendo a energia das Estrelas em forma de música

VOZES

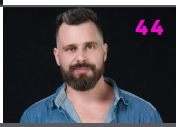
COLUNA 39
HEBERT VILLELA
O direito à participação popular como mecanismo de direito à cidade: um direito inerente para todas as pessoas

COLUNA 41
SAVEDA
Vamos conversar sobre linguagem neutra? (Parte III)

COLUNA 43
KUKUA DADA
PAPO DE TRAVA: Gosto de chás, não de cervejas



COLUNA 44
SAMUEL STRAPPA
Amores e Cores: Luan e Pablo



REVISTA DIGITAL INTERATIVA

DESTAQUE

Conheça Nati M., o primeiro Destaque do novo ano da Colors DJ

Alguns artistas tem o dom de passar sua energia para o público de diferentes maneiras – esse sem dúvidas é o caso de Nati M, DJ curitibana que além de sua habilidade como Disc Jockey, possui uma imagem muito forte em sua estética (algo que de fato chama atenção) e também uma presença de palco contagiante. Nati M inspira outros artistas em sua cidade e é inspirada por grandes nomes, ela é hoje uma DJ icônica na capital paranaense e nos contou um pouco de sua trajetória.

Nati M. Crédito: Eudig @eudig_

Olá Nati, tudo bem? Primeiro queremos agradecer por nos ceder essa entrevista. Vamos lá! Você frequenta esse mundo desde os anos 2000, começou como público até que foi para trás dos decks, o que levou você a querer tocar? Como foi esse momento em que você percebeu que queria ser uma artista e como foi esse começo?

Primeiramente gostaria de agradecer por essa entrevista. Sobre a sua primeira pergunta, o que me levou a me interessar pela discotecagem foi a energia que os DJs transmitiam nas festas em que eu frequentava.

Eu comecei a sair bastante em 2006, mas foi somente em 2014 que eu decidi embarcar como DJ. Como pode ver eu levei tempo para amadurecer esse pensamento de me transformar numa artista, eu poderia citar essa transformação a partir do momento em que muitos dos meus amigos me perguntavam sobre os artistas que iriam ou estavam se apresentando, eu buscava conhecer ou adiantar melhor o trabalho dos DJs para saber o momento certo para se curtir a festa, e nessa de me aprofundar no trabalho de cada um que surgiu o hábito de conferir tracks, salvá-las e posteriormente colecioná-las.

Assista: Estreia de Nati M no Club Vibe

Como foi em casa, quando você começou a tocar? Como sua família reagiu a essa escolha?

No primeiro momento houve desconfiança, mas no momento em que eu ganhei meu primeiro cachê, eles entenderam que isso é um mercado como qualquer outro e me apoiaram naquilo que viam estar me fazendo bem.

Nati M. no Club Vibe. Crédito: Eudig, @eudig_

Fale sobre lugares em que você se apresentou e te marcaram.

Zeitgeist foi o clube que me revelou no Techno, portanto, sempre haverá um carinho enorme e por todas as noites que eu me apresentei lá, o produtor e curador Zanella que trabalhava nesse antigo clube sempre foi clínico na montagem dos lines, lá tive noites absurdas ao lado da Dot Chandler (Fernanda Martins) e da Blancah por exemplo.

Assista: Fragmento da festa Ciclo Coletivo - Back to Back Nati M & Alex Buueno

Outro lugar que me marcou foi a festa da Sense em Santa Catarina, onde tive o privilégio de dividir o line ao lado de duas mulheres que admiro muito, a Emmy Betiol e a Noizzed, sem contar com toda a equipe super atenciosa e o cuidado dos meninos Gabriel Tavares e o Leonardo aka Less em proporcionar uma festa alegre, leve e de muita qualidade, me senti realmente em casa, tanto que a label me convidou a fazer parte do time de residentes.

Minha apresentação fechando a pista do EOL (Elements of Life Festival) foi sem dúvidas muito marcante pra mim e para o público também, tanto que até nos dias de hoje muita gente ainda lembra e comenta comigo sobre esse dia, foi um festival muito bem organizado e a vibe do público estava leve e gostosa, quando entrei para tocar peguei a pista inteira cheia e mantive ela até o final, hoje sou também residente do EOL.

E por fim, minha estreia no Club Vibe com o Renato Cohen foi também uma apresentação a ser lembrada, assim como o festival Carnavibe, que contou com muitos artistas locais e nacionais talentosos.

Você influenciou alguns artistas em Curitiba, como é saber disso? Poderia citar alguns nomes?

Eu não sei a quantidade exata de artistas que eu influencio ou influenciei, no entanto, tem alguns artistas próximos a mim que me revelaram que eu servi de inspiração, como é o caso da Nicole Lukiys, a Emely Saad e a Steh.

Nati M. na Festa 4x4. Crédito: Eudig @eudig_

E quem influenciou você?

Eu poderia responder quem mais me influenciou e quem mais me incentivou e apoiou nessa mesma intensidade, foi sem dúvidas o Nassur, pois foi ele que me fez ver o Techno com paixão e entusiasmo. E de artista internacional, quem me influencia até hoje é a Ellen Allien.

Sabemos que existe muito machismo no mundo dos DJs, como foi isso pra você? Como foi ter que derrubar essas barreiras?

Olha essa é uma pergunta muito delicada – eu sofri uma única vez e me senti horrorizada e impotente, no entanto, eu decidi focar no meu trabalho e ajudar outras pessoas a se desenvolverem como artistas. Essa é uma atitude covarde de quem não tem talento para nada, são pessoas vazias com corações vazios, portanto, eu vi que nem vale a pena tentar mudá-las, mas eu por outro lado posso ficar cada dia mais forte com o meu trabalho conquistando o nosso respeito e fico extremamente feliz de saber que inspiro outras mulheres a se tornarem fortes.

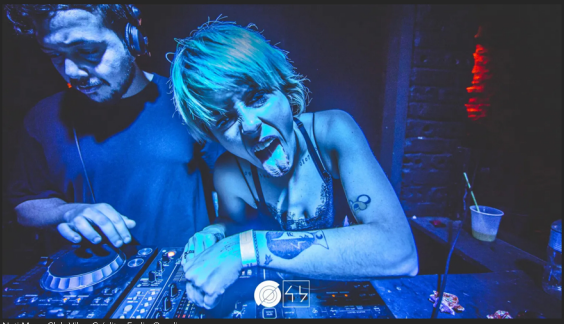
Fale sobre seu novo projeto, a "Overdrive".

A Overdrive nasceu de um conjunto mútuo de ideias entre Luis G, Moha (Kultra), Bervon, Nassur e eu. A ideia é construir algo novo na música eletrônica, envolvendo temáticas e uma experiência completamente nova em se tratando de festa independente. Queremos combinar audiovisual com temática gamer

Nati M. na Cavan. Ponta Grossa. Crédito: Eudig @eudig_

Você é casada com o também DJ Nassur, e disse que ele te influenciou e apoiou bastante! Hoje, como é a relação entre vocês no contexto da música? Além da Overdrive já realizaram outros projetos juntos?

A nossa relação musical sempre foi de muita sintonia, mas principalmente no quesito direcionamento artístico também, ele me ajudou muito na parte técnica e eu o ajudei muito nas suas relações públicas, portanto, 1 completa o outro. Quanto a outros projetos, já fomos fundadores de dois coletivos aqui na cidade dos quais hoje não fazemos mais parte.


Nati M. no Club Vibe. Crédito: Eudig @eudig_

E como está sendo conciliar a vida de mãe com a de DJ?

Está sendo bem tranquila, até porque a Helena tem muito contato com música eletrônica e ela adora dançar quando estou treinando.

Nas suas apresentações você costuma passar muita energia para o público, não só além da discotecagem, mas sua atitude no palco, você acaba "performando" também! Isso virou uma marca sua, certo?

Sem dúvidas, eu quando toco busco realmente me divertir e mostrar esse lado performático que existe em mim, amo o trabalho das profissionais da performance e isso acabou virando uma característica que o público espera de mim.

Na cena underground atual em Curitiba, o que você, Nati M, acha que pode melhorar? O que você mudaria?

Eu acho que de um modo geral, as coisas se repetem, ciclos começam, se desenvolvem e terminam, eu mudaria talvez a competitividade boba que existe dentro das pessoas. Eu acho o público sempre maravilhoso, mas o background por trás dos eventos eu acho pesado e desnecessário. Afinal, a música serve para conectar e fazer com que as pessoas se amem mais e saibam conviver com as diferenças.

Assista: Re•Stream - Nati M @ Usina 5

Qual DJ você adoraria fazer um b2b ou quais?

Ellen Allien
Hector Oaks
ANNA
Nicole Lukiys
Lunatik
Fernanda Martins

Nati M. na festa Danghai. Crédito: Belle

SOUNDCLOUD

FACEBOOK

INSTAGRAM

RESIDENT ADVISOR

Contato:

Tel: + 55 (41) 99845-2207

e-mail: nataliamacedonatimdj@gmail.com

ENTREVISTA

Os sete anos de história do DJ e empresário Fabyo Marquez

Um início desafiador e muita vontade de crescer.

O DJ e empresário **Fabyo Marquez** é um grande exemplo de quem consegue enxergar as críticas e mudar no que for preciso.

Ele que já tocou na **KM5 Lounge**, em Ibiza, e que agora está lançando seu novo álbum BLAST, seu projeto de RAP e TRAP, além de também ter inaugurado sua nova casa de festas no litoral paulista durante esse período pandêmico.

Fabyo Marquez nos conta um pouco de sua trajetória como DJ e como empresário nas noites paulistanas. Confira agora sua entrevista para a Colors DJ:

Fale um pouco sobre o início da sua ligação com a música e como surgiu a ideia de se tornar um DJ profissional.

Meu primeiro contato com a música foi nos anos 90, tinha 19 anos, e foi no antigo reduto clubber **Espaço Nation**. Ficava vislumbrado com o **DJ Marky**, **Patife**, **Ramilson Maia**, entre outros grandes nomes. Nasceu aí a vontade de tocar profissionalmente. Então comecei a comprar vinil e usar duas "vitrolas" que minha mãe comprou pra mim num, como se diz, BRECHÓ. Iniciei tocando em duas vitrolas, adaptadas, não tinha nem mixer, tudo era no tempo kkkk. Grandes lembranças!

Quem foram as pessoas mais importantes no início de sua carreira?

Quando decidi realmente tocar, o maior incentivador da minha carreira foi o saudoso "Rato", **DJ Robson Mouse**, um cara que foi sem dúvida um divisor de águas.

Os DJs Fabyo Marquez e Robson Mouse (sua grande inspiração). Foto: Reprodução (Instagram).

Você já se apresentou na Europa, em alguns países, além de se apresentar várias vezes em diversas Paradas do Orgulho LGBTQIA+. Quais foram os três momentos mais relevantes de sua carreira?

Tocar no **KM5 Lounge** em Ibiza, foi o momento mais marcante da minha vida, nem falo da carreira. Outro momento especial foi tocar na **Parada de Guarulhos** em 2019, foi espetacular também!

Depois de sete anos de estrada, quais são os sonhos que você almeja alcançar dentro desse mundo da música eletrônica?

Sonhos são inúmeros, como estourar uma música autoral, por exemplo, tocar em grandes festivais, aliás, neste ano novo, se Deus quiser né, me apresento no **palco Culturando** na **Festa do Peão em Barretos** (tá todo mundo convidado).

KM Lounge - Ibiza 2005. Foto: Divulgação.

Além de DJ você também é empresário. O seu bar/tabacaria está em fase de evolução, fale um pouquinho sobre este novo espaço que pretende lançar agora.

Bem, eu abri o **Celeiro das Tribos**, um bar tabacaria e karaokê, em plena pandemia, queria criar um ambiente legal, além dos lugares comuns que tem no centro de São Paulo e deu certo. Graças a Deus. Agora estou para abrir uma filial no litoral sul paulista. E recentemente lancei um novo projeto, também no litoral, que é a **MK House**, um espaço para eventos com piscina, exclusivo para festas diurnas, e a aceitação foi excelente.

Você está lançando um novo álbum, com um estilo bem diferente do que você sempre fez – fale um pouco mais deste projeto.

Ah sim, estou lançando o álbum **BLAST** – em todas as plataformas digitais – esse álbum tem 7 faixas e três delas são do estilo RAP e TRAP, com vocais de **WSG Guerra**, **MC Diney** e **CanelaMC**. Os resultados foram surpreendentes, já que sai da zona de conforto.

Quais são seus próximos passos como DJ, agora com os eventos voltando?

Então, o que posso adiantar é que irei fazer uma turnê pela Europa (aliás, já deveria ter ido), mas o quadro pandêmico ainda inspira cuidados. O certo é que volto a me apresentar no KM5 Lounge e em outras casas no continente Europeu. Existe a possibilidade de tocar num grande festival que vai se realizar em Setembro de 2022 no Brasil.

Como foi pra você viver esse grande período de pandemia?

Pra mim foi corrido e sofrido também, após a cura de um câncer nos rins, descobri que sou cardíaco, tenho hipertensão e passei a tomar um remédio contínuo, isso não foi bom.

Festa Lacração - 2017. Jundiaí. Foto: Divulgação.

Qual mensagem você deseja passar para os seus fãs, seguidores e leitores da revista?

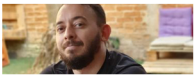
Durante a pandemia, li uma publicação numa rede social que dizia que eu era péssimo DJ e vocês não sabem o quanto sou grato a essa pessoa. Me fez rever meus conceitos, reavaliar minha atuação, meus valores. O resultado disso é que nunca sabemos tudo, que sempre há o que aprimorar, que o conhecimento é infinito. Foi essa publicação que **me** fez me enveredar por outros campos musicais. Então minha mensagem é que só somos o que os outros dizem quando somos incapazes de nos enxergar, de mudar, de crescer! Não esquecer o passado nos lembra a todo momento de onde viemos, nos fortalece na busca do onde queremos chegar! Vale a pena. Abraços!

MK House - Praia Grande/SP, 2021. Foto: Divulgação.

FACEBOOK

TWITTER

INSTAGRAM



DIEGO AGANETTI

EVENTOS

COBERTURA DE EVENTOS COLORS:

Bloom Réveillon, o novo florescer em 2022

Depois de um longo e árduo período de 2 anos, após a vivência de uma pandemia, a Bloom veio para celebrar este novo ano, novo ciclo e um novo FLORESCER.

Neste Réveillon de 2022 rolou em terras potiguares, mais precisamente na cidade de Natal-Rio Grande do Norte, uma linda e incrível celebração de amor, carinho, saudade e muito PSYTRANCE.

O evento **Bloom Reveillon** deu as boas vindas ao ano de 2022 que agora se inicia, com muita música, entretenimento, e a disseminação do **PLUR** em todos os seus aspectos, realizando uma festa com um line up expressivo e diversificado, como também cuidando em cada detalhe para o bem estar e cuidado com o público.

A Bloom trouxe o novo conceito sobre **FLORESCER** após um período difícil. A festa e os seus idealizadores imprimiram um novo conceito e uma nova ideia para os festejos de Réveillon na cena psytrance, trazendo este novo conceito para as terras natalenses e regiões.

"É uma satisfação enorme tocar em Natal-RN. É minha segunda casa… Só gratidão! O set foi "killer", o público respondeu da melhor forma, a festa EVOLUIU PRA CARAMBA, proporcionando uma estrutura incrível! Quero sempre estar aqui, se possível." Depoimento de **Dopamina**, artista/DJ que se apresentou na virada do ano, e que também foi entrevistado pela Colors como DJ Revelação na cena Psytrance paraibana

Pista da Bloom. Foto: CARCARÁ AUDIOVISUAL.

A nossa equipe conversou de perto com a produção do evento e com alguns artistas que fizeram parte dessa grande celebração de amor, respeito e união. Acompanhe os detalhes a seguir.

Como a ideia e conceito da Bloom surgiram?

A palavra **BLOOM** significa **FLORESCER**, na Língua Inglesa. Visto que o ano de 2019 e 2020 foram anos muito difíceis para todos , devido a pandemia e isolamento, a ideia da Bloom surgiu justamente pensando em que juntos, poderíamos fazer um novo florescer, trazendo com um novo ano a esperança de dias melhores, proporcionando um momento de confraternizar entre os mais próximos. Sendo assim, realizando um Réveillon acolhedor, com a ideia de público para público. Tornando único e importante para cada pessoa ali presente. Desde quem estava trabalhando até todo o público que estava curtindo. E assim se deu a primeira edição, e com o sucesso dela, decidimos seguir fazendo a segunda, que foi ainda mais linda. E seguimos com a ideia de tornar tradição a **BLOOM REVEILLON** aqui no nordeste.

Foto: CARCARÁ AUDIOVISUAL.

A festa está na sua segunda edição, conte-nos qual o sentimento frente à realização da primeira edição, e quais as expectativas para a edição deste ano?

Com o sucesso da primeira edição esperamos um evento ainda mais completo e de maior proporção em todos os âmbitos, desde artistas de maior renome até uma estrutura maior para receber nosso público.

Amanhecer na Bloom.
Foto: CARCARÁ AUDIOVISUAL.

A proposta da festa, apresenta uma preocupação no bem-estar do público e do ambiente onde o evento acontecerá, nos detalhes quais investimentos a festa fez para proporcionar isso ao público?

A Bloom Reveillon representa um estilo de festa onde se valoriza muito o ambiente e cuidados específicos para o bem estar do público, tendo em vista uma duração de 22h. Investimos então em um local totalmente arborizado e gramado, diminuindo assim a sensação térmica, bem como espaço de descanso e atividades como massoterapia para que nosso público tivesse a opção de descansar sem sair do local do evento.

Chill out Bloom. Foto: CARCARÁ AUDIOVISUAL.

Qual o sentimento de ser uma das festas de Réveillon mais prestigiadas em tempos de pós pandemia?

Na segunda edição pudemos nos concretizar como um dos principais eventos de Réveillon no nordeste, principalmente no que diz respeito à música eletrônica, toda a equipe está muito feliz com o resultado que se deu de muito trabalho e planejamento.

Perguntamos pro TRAMPSTA, um dos maiores headliners do evento:

Essa sensação de tocar pro público depois da pandemia nesse finzinho de 2021 para 2022 dá uma sensação de recomeço? Como se um ciclo ruim estivesse se encerrando e um novo bem melhor estivesse começando?

Ah, com certeza. Tava bem escuro pra quem estava dependendo de evento, a gente fica apreensivo o tempo todo, com medo de qualquer outra coisa agora, porque antes a gente não tinha uma realidade dessa e agora a gente fica com medo, mas acho que dessa vez, FOI.

O que a Bloom deseja para este 2022 que se inicia?

Desejamos que todos possam florescer aquilo que há de melhor dentro de cada um, com muita positividade e a esperança de cada vez mais dias melhores.

"*Bom, só com esse retorno de estar tocando aqui hoje, eu acredito que será um ano bem promissor, só de ver que as coisas estão voltando ao normal. Durante esse tempo de pandemia foi produzida muita música, muita coisa nova, pra dar uma repaginada e trazer novidades pra galera. É uma injeção de ânimo estar de volta. Podem esperar muita música nova no live!*" Declarou Kadum, Artista/DJ que se apresentou no evento, além de também já ter sido entrevistado aqui na revista e concorrido ao Melhores do Ano na categoria Destaque.

Pista da Bloom. Foto: CARCARÁ AUDIOVISUAL.

Se pudesse descrever o que o conceito da Bloom representa no sentido de ser mais do que um simples evento, como se descreveria?

Bloom já nasceu com a proposta de ser não só uma festa mas, uma celebração onde passamos para o nosso público toda uma atmosfera positiva para a entrada de um novo ano, com novas expectativas, e a Bloom vai se manter sempre com essa ideia.

Qual o sentimento de ver o seu evento ganhando maior visibilidade, e a receptividade do público?

É com certeza muito gratificante ver o reconhecimento das pessoas em relação ao que nós entregamos e também à evolução que tivemos desde a primeira edição, e isso nos dá ainda mais força para as próximas edições.

Nos conte um pouco sobre as novidades que o Projeto traz para este ano ainda.

A BLOOM seguirá sendo um evento de Réveillon, trazendo isso como sua marca registrada e já iniciamos os projetos e planejamentos para a edição de 2022/2023. Mas enquanto isso, podemos ir acompanhando os projetos da **Minimiza Produções** (produtora responsável pela realização da Bloom), que vai fazer com que a gente vá matando nossa ansiedade até lá!

Conversamos com o Derbak, que também é artista parceiro da Minimiza Produções, e questionamos a este:

O ano passado você estreou na Bloom na primeira edição do evento, conta pra gente como é voltar à segunda edição, após esse período pandêmico?

É muito fantástico, e muito nostálgico. A Bloom foi onde eu lancei o primeiro início do meu live, então tenho um carinho imenso por essa festa. É incrível como a primeira vez, tem a nostalgia de exatamente há um ano ter dado início a esse projeto. Espero uma vida longa a Bloom, e que a gente possa estar unidos de alguma forma nessa celebração.

Considerações finais da Bloom Reveillon

Agradecemos imensamente o espaço e a parceria com a revista Colors DJ, e aproveitamos para convidar a todos a nos acompanhar nessa jornada a cada ano! Estamos muito ansiosos para receber todo o nordeste em nossa terceira edição! Deu BLOOM!!!

INSTAGRAM BLOOM RÉVEILLON

INSTAGRAM MINIMIZA PRODUÇÕES

ADNA DANTAS

FORTALEZA – VacinArte: entretenimento e cuidado com os pequeninos no Centro de Eventos

O primeiro fim de semana da ação VacinArte em 2022 contará com muitas atrações divertidas para as crianças. Estão agendadas apresentações musicais, brincadeiras e cultura para entreter os pequenos enquanto esperam pela dose do imunizante no Centro de Eventos do Ceará (CEC). A aplicação da vacina deverá ser previamente agendada, e acontecerá em ordem decrescente de idade, iniciando com os de 11 anos, avançando até os que possuem 5 anos.

A proposta é voltada às crianças agendadas para a vacinação nesta data. Todas as atrações irão respeitar os protocolos sanitários previstos em decreto.

Por meio da Secretaria Municipal da Cultura (Secultfor), com apoio da Secretaria Municipal da Saúde (SMS) e a partir de sugestões realizadas pelas categorias artísticas da Capital, a Prefeitura de Fortaleza lançou o projeto VacinArte em maio de 2021 e através desta iniciativa visa trazer incentivo à imunização infantil e a restauração de atividades do setor artístico que tanto foi prejudicado pela pandemia.

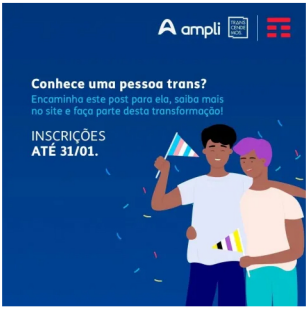
VacinArte

Local: Centro de Eventos do Ceará

Fonte: Prefeitura de Fortaleza.

RODRIGO SOBRINHO

Conhece uma pessoa trans?



Após as festas de fim de ano, a TIM além das oportunidades de trabalho dadas as pessoas trans, agora abriu vagas de emprego, atrás do seu programa Transforma TIM. A empresa quer gerar qualificação e inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho. Este programa é uma parceria da operadora com a Ampli que dará bolsas de graduação a distância 100% gratuitas, já o processo seletivo, se dará por conta da parceria com a consultoria Transcendemos. Os selecionados pela consultoria ainda farão um curso de Customer Experience.

Como se inscrever?

As inscrições para o processo seletivo podem ser feitas até o dia 31 de janeiro através do site transformatim.com.br. Mas atenção, é necessário ter o ensino médio completo e ter 18 anos. As vagas são para as lojas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Já para as vagas do call center, o trabalho será remoto.

ORLY FERNANDES

NOTÍCIAS

Associação de telemarketing está preocupada com prefixo 0303 exigido pela Anatel

Você costuma receber ligações indesejadas oferecendo todo tipo de produto, inclusive de empresas das quais você já é cliente? A Anatel aprovou em dezembro uma medida que obriga ligações de telemarketing a serem identificadas pelo prefixo 0303. A agência federal quer implementar o número a partir do dia 21 de março para as operadoras de telefonia móvel, como Claro, Oi, TIM e Vivo. Para as empresas de telefonia fixa, como a Embratel, ele passa a valer a partir do dia 10 de junho.

Além de determinar a identificação de ligações de telemarketing , a mudança permitirá que as próprias operadoras autorizem o bloqueio de chamadas dessa natureza mediante solicitação de seus clientes.

Seria este o fim das intermináveis propostas de venda via telefone? Segundo Cláudio Tartarini, diretor jurídico da ABT, a adoção das medidas pretendidas pela Anatel podem resultar em aumento de preço dos serviços das operadoras. Ele comentou a questão do prefixo 0303 em entrevista ao site Tele.Síntese na segunda-feira (24).

"Em vez de matar o carrapato, estamos matando boi", disse o diretor jurídico da ABT. Ele avalia que o impacto sobre o mercado de telecom como um todo acabariam pesando no bolso do consumidor final. Tartarini argumenta que o papel de empresas como as associadas à ABT é de fomentar a competição de preços entre os serviços, considerando o perfil de cada cliente. O advogado estima que, caso a medida se concretize, o desemprego entre as empresas de telemarketing deve aumentar nos três a quatro meses seguintes e os preços subiriam em um período de aproximadamente um semestre. Ele afirma ainda que a nova regra extrapola a atividade regulatória que a Anatel deveria desempenhar. Ao exigir que as operadoras permitam ao usuário bloquear chamadas, ela está afetando mais de um setor em Comunicação. A saída, na avaliação de Tartarini, deveria ser o aperfeiçoamento do Não Me Perturbe.

Recentemente, as operadoras celebraram que o atual serviço da Anatel para bloquear chamadas de telemarketing indesejadas, o Não Me Perturbe, chegou a quase 10 milhões de consumidores cadastrados. Mas o órgão federal continua insatisfeito com essa solução, e o prefixo 0303 seria a alternativa escolhida, visando dar completa liberdade ao cliente em contrapartida ao assédio frequentemente praticado.

E você? O que pensa a respeito? Deixe sua opinião nos comentários!

RODRIGO SOBRINHO

Elowinz: o primeiro ícone representante do psytrance homenageado em 2022

A Colors traz uma homenagem em forma de história sobre o fenômeno brasileiro do dark forest

Elohim (do hebraico אֱלוֹהִים , אֱלוֹהַּ) é um dos nomes de Deus. Revela seu caráter supremo, majestoso. Aparece no princípio criando os céus e a terra e manifesta a grande potência da criação (religiões abraâmicas). Manifesta os gêneros masculino e feminino em um só (gnosis) e carrega a grandeza de tudo que foi construído. Manifesta o trazer à luz, gerar. E o que seria a arte senão a capacidade de trazer ao mundo visível aquilo que está oculto, mergulhado no inconsciente?

Elowinz é uma variação na grafia do nome sagrado e traz toda essa energia do trazer à realidade. Como excelentíssimo representante da arte psy e cumprindo a própria "imagem e semelhança" do Supremo, ele vem com sua música densa e emocionante levar multidões ao transe psicodélico e assim acariciar seus ouvidos e inspirar suas almas à felicidade. Tendo sido aclamado em diversas regiões do globo terrestre, é o primeiro ícone do psytrance a ser homenageado no ano de 2022.

Diogo Gouveia tem a música correndo em seus vasos sanguíneos. Numa tarde de terça-feira ele contou à Colors sobre suas primeiras experiências musicais em bandas de hardcore, onde tocava bateria. Disse também que estudou guitarra e desde os 13 anos respira música. Até 2004 seguiu com as gigs com grupos musicais, o que já lhe serviu de grande experiência com o público.

Em 2005 foi morar em Florianópolis e conheceu uma boa galera raver. Nesse mesmo ano ele esteve em seu primeiro festival alternativo de psytrance – o **Trancendence** – onde se apaixonou pelas vertentes psicodélicas da e-music. Diante do seu já conhecido amor pela instrumentalidade musical, ele não perdeu tempo: se inscreveu no mesmo ano na escola de produção **Groove Art**, onde veio a desenvolver as habilidades necessárias para se tornar agora um "homem banda" – afinal, é mais ou menos esse o trabalho de um produtor ao criar cada detalhe de todos os synths, leads, basslines, reefs de bateria, guitarra e até instrumentos criados na imaginação que tomam forma audível através dos VSTis e dos racks analógicos.

Dessa dedicação às melodias e ao ritmo pulsante do psy, nasceu o projeto **Disfunction**, que já se sagrou uma jóia do dark prog lançando pela grandiosa **Zenon Records**. A gravadora atualmente já é bastante conhecida no Brasil pelo seu estilo bem futurista, que absorve uma gama de nuances sonoras profundas e minimalistas (e às vezes obscuras) e mantém uma forte referência technera em seus releases.

A label dá espaço para artistas extremamente autênticos e reconhecidos mundialmente pelo flow progressivo impecável e aquele sound design que te põe literalmente dentro da obra musical. O jovem e talentoso produtor paulista já estava lá, fazendo parte do casting da **Zenon**, o que só confirma a grande habilidade e destreza com que nosso homenageado pratica sua musicalidade.

Pedro Gouveia, porém, já estava envolvido numa esfera mais pantanosa da música eletrônica. Frequentava festas dessa cena mais que underground (digamos que seria "o porão do subsolo" em termos de psy). Segundo Diogo, seu irmão é uma grande referência musical, de vida, parceria e amizade. Ele permanece até hoje e cada vez mais forte, sendo também um dos grandes nomes do psytrance BR, com seu projeto **Golomp** e como "the boss" da aclamada **Grimm Records**, e se declara um dos maiores fãs do trabalho do Elowinz:

Foto: Diogo by Lucas Hamann @hamannpics

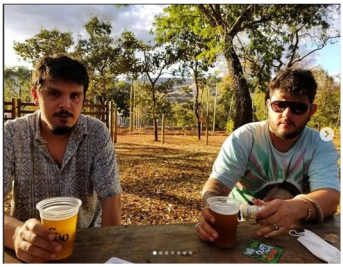
Foto: Diogo by Lucas Hamann @hamannpics

"É o meu maior orgulho, o meu irmão! Sempre acompanhei ele desde moleque, sempre tocando. Ele seguiu meu fluxo de festas, mas se conectou de uma forma pessoal. Começou a frequentar com os amigos e logo seguiu pelo caminho do som noturno. Desde sempre foi um grande pesquisador, absorvendo tudo com muita facilidade.

***Ouvíamos** música juntos desde novos; ele começou a se dedicar à música eletrônica lá pelos meados de 2005 e nunca mais parou. Mais de 15 anos de estúdio, desde que largou o hardcore e começou a produzir e-music, sempre focado e super talentoso. Repito, ele é meu maior orgulho. No mundo musical, claro que tenho minhas referências antigas, mas a maior de todas é o Diogo.*

O** moleque é mestre demais, mas tem o ego apurado. Ele se segura muito, sempre com o pé no chão e muito profissionalismo. A nossa conexão é um som infinito. Ele ainda tem muita coisa a fazer e estamos sempre um pelo outro. E isso é só o começo, muita psicodelia ainda para rolar desse grande nome e grande exemplo que eu tenho de sangue e de coração." – Pedro Gouveia, irmão.

Pedro Golompe e Flora.



Pedro e Diogo.

Dioguinho foi ao **Universo Paralello 11** (que aconteceu na virada de 2011 para 2012) já apresentando o seu live progressivo **Disfunction**, e nesse ano sentiu grande inspiração para produzir o forest que vinha ensaiando desde 2006, mas ainda estava restrito ao estúdio porque o resultado ainda não o havia agradado. **Mubali**, **Jahbo** e **DJ Giuseppe** (dono da gravadora **Parvati Records**) se apresentaram nesta edição e foi inesquecível.

Dizem que uma vez que se é capturado pela experiência hipnótica e sensorial numa pista dark é um caminho sem volta. E assim o foi, não só para o Diogo; nesse mesmo ano surgiram os projetos **Elowinz** (que no início contava com o também produtor **Tomas Vezzali** aka **Tots**, que hoje mora em Barcelona) e **Nargun**, que também é um duo formado por dois outros gigantes do dark progressive: **Onionbrain** (**Bruno Azalim**) e **Tijah** (**Juliano Bcheche**). E foi assim que começamos a ter uma bela engrossada nas fileiras do forest BR, que hoje se tornou grandioso e aclamado no mundo inteiro.

Diogo já estava de volta a São Paulo e pediu ao Universo um nome para o seu projeto de forest. Na mesma semana, a palavra Elohim se repetiu de maneira incomum para ele, que se identificou com o significado poderoso do nome e resolveu criar um nome novo, mudando um pouco a grafia e entonação. Elowinz ficou legal e deu super certo! E assim, junto com o parceiro Tomas em 2012, mais ou menos em abril, já tinha uma primeira track. Alguns meses depois, ao receber o convite de **Inê Montagnana** para apresentar o **Disfunction na Shiva Trance**, Diogo comentou do seu novo projeto Elowinz e o resultado foi surpreendente:

"O Di é um ser de luz pura, assim como a música dele. Dois meses antes da Shiva Trance o Elowinz tinha apenas 4 tracks prontas. Eu disse a ele: você tem dois meses para terminar o live (risos). Ele simplesmente foi lá e fez! Quero deixar registrado o orgulho enorme que a madrinha tem dele desde o primeiro momento, como pessoa e como artista!" – Inê Goa Trance, DJ e organizadora da Shiva Trance em São Paulo.

Foi um sucesso estrondoso, e o fato de ser o seu primeiro cachê mais alto o estimulou bastante para seguir evoluindo cada vez mais. O Elowinz já estava pronto a se consagrar um dos maiores projetos de forest psytrance do mundo, e em 2014 Diogo foi convidado a apresentar o Disfunction no **Freaks of Nature** pelo **DJ alemão Ankur**, e levou na bagagem também o repertório do Elowinz.

Essa foi a primeira Euro Tour de uma sequência de seis anos seguidos marcando presença na temporada de festivais no verão europeu com ambos os projetos, estando em turnê na Europa por duas vezes no mesmo ano em algumas ocasiões nesse período. Em 2015 apresentou-se também no continente asiático, conquistando o público japonês e também o indiano com suas melodias cheias de psicodelia e cura transcendental.

Assista: Modem Festival 2019 Elowinz (part 1)

Assista: Elowinz Live @ Pulsar Festival 2019 - Brazil

Assista: Elowinz - Zuvuya Festival 2020

O nosso homenageado chegou a apresentar-se também no **Midnight Sun Festival** no verão norueguês, uma época em que o sol simplesmente não se põe!

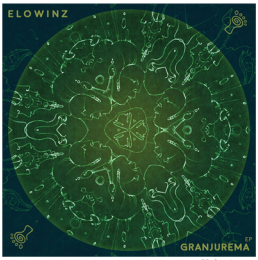
"Foi uma experiência bem louca, pois durante os 10 dias de evento o sol esteve 24 horas por dia no céu! Era sempre assim, o sol brilhando e um frio… Perdia-se a noção do tempo e por vezes passei dois dias acordado direto e o cérebro não se dava conta do horário de sono. Felizmente havia um quarto escuro onde pude descansar. Algo inesquecível!", conta.

Ao longo desses nove anos de jornada do Elowinz, foram 2 EPs e incontáveis releases em compilações de vários selos e gravadoras. O projeto faz parte do casting da respeitada Parvati Records e foi o único brasileiro a lançar pela tradicional **Sanaton Records** (a faixa "Ubrahk", que dá o título da compilação). Ele conta também que muitas tracks não foram lançadas e somente ele toca em suas apresentações, o que garante uma experiência totalmente exclusiva em suas gigs, para quem estiver no lugar certo na hora certa.

Elowinz at Lost Theory

Elowinz at Universo Parallelo em Goa

Elowinz at Modem Festival



EP Granjurema

O Dioguinho, além de uma unanimidade pelo seu talento e dedicação à música, conta também com grande admiração de seus amigos e fãs por seu humor sempre sereno e personalidade iluminada. A seguir temos algumas pessoas que fizeram e fazem parte de sua história e/ou do seu dia-a--dia e que mandaram mensagens carinhosas para parabenizar o nosso ícone do psy brasileiro! Vamos nos emocionar um pouco junto com ele?

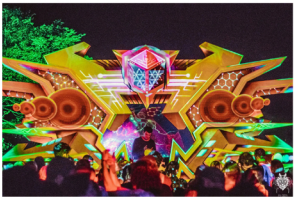
"*Difícil falar sobre o Diogo sem falar de família, sua família é um alicerce muito forte, sempre do lado e crescendo. E por falar em família, formamos uma família ao longo dessa jornada, sempre conectada, não precisamos nem de palavras, só de estarmos por perto, já nos sentimos completos. Vou explicar um pouco sobre: Diogo foi sempre um dos pilares de segurança que tive quando decidi ir morar em São Paulo, lugar que escolhi como lar. Seu jeito de ser é único, sempre sereno e atencioso conquista todos. É mais que gratificante ter o Diogo por perto, sua música nem se fala, capaz de conectar a pista de uma maneira única, onde sentimos o transe coletivo natural. São* **tantos** *momentos mágicos que ele nos proporcionou, que é difícil escolher um momento, mas vou citar um momento marcante que foi registrado por uma amiga a Cat, DJ Pandemia que chegou e pediu um celular para eternizar esse momento, foi no final da noite Parvati que ele entrou, para fechar com chave de ouro, e foi emocionante olhar para os lados, e ver os amigos emocionados com o nosso amigo Brasileiro mandando o recado com muita classe. Diogo conectou o Brasil com o mundo de uma maneira diferenciada, na cena do Forest e Dark. Enfim, ele é um menino mágico, de quem todos gostam de estar perto e trocar pensamentos e conhecimento musical. Desejo* **muito** *crescimento e evolução constante para que sempre nos fortaleça. Ele Brilha e nos faz brilhar. Priiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!*" – Helô Lima, amiga, raver, admiradora e movimentadora cultural da cena Psytrance BR.

[1]Priiiilll é uma onomatopéia que ganhou o coração dos frequentadores de festivais de cultura alternativa e psytrance em toda a América do Sul através do grande xamã **Jacinto Rosa**, também conhecido como **Munsmawa Chiumampi**, que faleceu em março deste ano e era compadre de Diogo

Assista: Depoimento Del Torto

São muitos os admiradores desse grande nome da música eletrônica, que mesmo sendo esse monstro da cena underground mundial, vive uma simplicidade real e constante. Ele atribui sua música primeiramente ao amor e em seguida ao trabalho.

"Comecei a fazer show com 13 anos e assim foi até os 15, 16 anos com minha banda de hardcore, é bom começar jovem. Quando se é novo, você tem tempo e aprende muito. Sempre tive essa vontade de tocar, de fazer shows. Fui primeiro na guitarra e depois virei baterista. Depois larguei a banda, conheci e me apaixonei pelo psy e daí por diante foram horas e horas de estúdio. Dificuldades, deixei de sair, não tinha grana para muitas coisas, mas tinha uma paixão. A arte, principalmente a música, depende de paixão. Não pode ser movida por dinheiro ou por fama; precisa querer vivê-la e respirá-la." – Elowinz



Elowinz at DMTrip

Elowinz at Pulsar Festival 2018

Elowinz at Katayy Festival

Elowinz by Rickson Melo at Organika

Através dessa singela homenagem, representamos milhares de fãs que admiram esse som que realmente parece vir de uma egrégora celestial. A Colors DJ Magazine se sente extremamente honrada em apresentar o primeiro ícone do psytrance no ano de 2022. Parabéns, Dioguinho! Desejamos que você e sua música prosperem ainda mais e alcancem cada vez mais pessoas ao redor do mundo!

Stream música de Elowinz | Ouça a músicas, álbuns, playlists gratuitamente online no SoundCloud

Diogo Gouvea (@elowinz) • Fotos e vídeos do Instagram

RODRIGO SOBRINHO

MATÉRIA

Psy Trance no Brasil: Como tudo começou?

A história do Psy Trance no Brasil, ironicamente, teve seu início na mesma região que começou a história do Brasil em si: o sul da Bahia. Poucos quilômetros de diferença separam as cidades de Porto Seguro e Arraial D'ajuda, respectivamente o marco zero da civilização Brasileira e da cena Psy Trance no Brasil. Foi em Arraial D'ajuda que tudo começou para a cena nacional, com eventos feitos em pousadas e barracas de praia, composta por artistas e pessoas de fora do país que tiveram contato com o até então chamado "Goa Trance", em outros países como Índia, Bali e Thailandia. Posteriormente, este gênero ganhou a alcunha que conhecemos hoje: "Psy Trance".

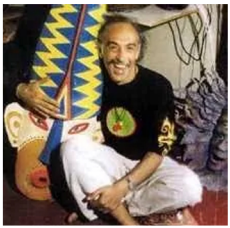
"Let there be light!" ou... que haja luz!

Tudo começou quando o DJ italiano **Max Lafranconi** – mais conhecido pelos seus projetos "**Etnica**" e "**Pleiadians**" – ouviu falar das praias brasileiras no sul da Bahia, através de alguns amigos que já tinham frequentado a região. Max, que já frequentava a emergente cena de Goa, na Índia, decidiu vir até Arraial D'ajuda e replicar o que viu na Ásia no litoral baiano. Foi numa noite de Lua cheia, no ano de 1991, que o italiano fez a primeira rave em solo Tupiniquim: "**Jungle Palace**", realizada na pousada "**Guaiamuns**". Ali começava a história do Psy Trance no Brasil. Um pequeno passo para o homem, um grande passo para a cena nacional.

Max e sua equipe, sem dúvidas, tiveram um papel central nessa história e foram os grandes pioneiros da cena local e nacional. Lafranconi foi um dos principais colaboradores e fomentadores do movimento, trazendo todo seu expertise adquirido na cena de Goa, para o sul da Bahia. Não só como organizador de eventos, mas também como artista, deu início ao movimento psicodélico de música eletrônica no Brasil. Além de Max, Raja Ram foi outra figura muito importante para a divulgação e propagação do movimento em solo brasileiro, difundindo a sua música através de vinis e fitas K7 ao redor do país.

Max Lafranconi

Max Lafranconi



Raja Ram

Ouça: Etnica & Pleiadians - Retro Set [Psychedelic & Goa Trance]

Uma grande mistura de povos, etnias e culturas que se transmutou em uma coisa só.

As festas reuniam pessoas de diferentes nacionalidades e localidades do mundo inteiro, sendo os nativos brasileiros a minoria nestes eventos. A idade dessas pessoas variava entre adolescentes de 15 anos até adultos mais velhos.

Quanto custava? Não havia bilheteria, nem segurança. As festas eram abertas ao público. Alguns nativos eram convidados para vender comida e bebida durante o evento, segundo o próprio Max. O início dos trabalhos era geralmente em torno das 23:00 horas e ia até o fim da tarde do dia seguinte, sempre durante os períodos de Lua cheia. A decoração ficava por conta de outro italiano, que também teve um grande papel no surgimento da cena: **Michele Petillo**. A ambientação era feita de bastante luz negra, tinta flúor e muita criatividade. Era necessário improvisar peças em galhos de madeira, pedras e o que mais compusesse a paisagem local. Havia muita dedicação investida no trabalho de Michelle, podendo demorar 2 semanas ou mais para decorar o local do evento. Antes de tudo começar, os nativos traziam seus filhos para ver a decoração da festa e a apresentavam aquilo como "Macumba de Gringo".

Michele Petillo.

Arraial d'Ajuda.

Rompendo fronteiras

Até então as festas só vinham acontecendo na cidade de Arraial D'ajuda, Bahia. Mas rapidamente se estenderam até a cidade de Trancoso, há poucos quilômetros de sua "matriz", também na Bahia. Isso começou a acontecer a partir de 1994, em barracas de praia como a barraca "Vegetal" e a "Casa Santa". O movimento, com o passar do tempo, se concentrou mais em Trancoso do que na cidade vizinha.

Outros tempos, outras tecnologias

A época era outra e a tecnologia disponível também. Esqueça os "pendrives", laptops com softwares de mixagem, CD's, "CDJ 100s"… as músicas eram tocadas em toca-discos "Technics" (Vinil) ou em Walkman's como "Sony Professional K7 (fita K7) e "DAT Sony D7" (fita DAT), tendo surgido logo na sequência o MiniDisk. Os falantes e sistema de som que eram alugados eram os mesmos utilizados no carnaval local da Bahia, mundialmente conhecido. Bem menos sofisticados que os atuais? Com certeza, mas isso não importava muito. Para a época era mais do que suficiente para festejar e sacudir o esqueleto por horas e horas ao som daquele som diferente, intrigante e altamente psi coativo que hoje conhecemos como Psy Trance.

Bem diferente dos dias atuais, as coisas em geral exigiam muito esforço para acontecer. Isso era devido a limitação de recursos tecnológicos da época. Instagram? Facebook? Twitter? Estavam todos longe de existir. Não havia internet sequer no Brasil! Para promover os eventos, as produções e produtores(as) tinham que sair pelas ruas distribuindo individualmente flyers (feitos a mão) para as pessoas ou colar cartazes pela cidade.

Sony Walkman DAT

Sony Walkman K7

Peace Love Union Respect

O clima entre as pessoas era de "paz e amor", ou pode-se dizer que já era início do "PLUR", tendo um ambiente muito mais intimista e "família" do que nas grandes festas com centenas ou milhares de pessoas, hoje em dia. Não haviam seguranças nem portaria. As festas aconteciam livremente sem cobrança de ingresso e nenhum tipo de confusão acontecia para justificar contratar seguranças.

Além da música e do entretenimento

Aquele grupo de pessoas se reunindo nas praias do sul da Bahia tinha em comum não apenas o gosto musical, mas o senso de contra-cultura também. Um ato de rebeldia perante uma sociedade totalmente desequilibrada, injusta, cheia de regras e leis que não faziam muito sentido pra muita gente. Trancoso e Arraial D'ajuda, inclusive, já abrigavam e acolhiam movimentos ligados à cultura alternativa desde os anos 60. Foi justamente essa faceta da cultura Trancer que chamou a atenção de um dos maiores ícones e uma lenda viva do movimento aqui no Brasil: Rica Amaral.

Expandindo nacionalmente

Em 1995, o paulistano **Rica Amaral** conheceu o Goa Trance. Foi através de um vinil, apresentado por um amigo, o primeiro contato com aquele som tão distinto e inovador. Em 1996 decide fazer, juntamente com o **DJ Feio**, seu primeiro evento: "**The Rave XXXperience**". A festa aconteceu em um sítio há cerca de 30 km da cidade de São Paulo, tendo reunido em torno de 700 pessoas. Posteriormente o nome mudou para apenas "**XXXperience**" e a festa tomou grandes dimensões, reunindo mais de 5 mil pessoas na sua terceira edição, em 1998. Neste mesmo ano, Rica – que até então atuava como Dentista – foi para o **Boom Festival** (Portugal) e quando voltou decidiu abandonar a profissão para se concentrar na sua vida como DJ e Produtor Cultural.

Rica Amaral e DJ Feio

XXXperience 96

XXXperience 98

XXXperience 97

XXXperience 98

Assista: Documentário - XXXPERIENCE: 20 Anos Pelo Brasil

Mancha de dendê não sai

Depois de ter eclodido no sul da Bahia, o Psy Trance e sua cena se estenderam até a capital baiana. O grande responsável por essa conexão e por manter o dendê da psicodelia fervendo na região foi **Danilo Barreto**, mais conhecido como **DJ Nazca**. Em 1997, Danilo e seu amigo **DJ Sly**, juntamente com outros que tinham frequentado as festas no sul da Bahia, decidiram replicar em Salvador o que viram e viveram nas praias de Trancoso e Arraial, criando e produzindo a festa "**Antes da Tempestade**": a primeira Rave na capital Baiana. Ali surgia um dos núcleos em atividade mais antigos do país: **Soononmoon Organismo Subliminar**, fundado pelos mesmos DJs Sly e Nazca. Posteriormente, as materializações e produções do crew baiano se estenderam por toda a Bahia, se tornando referência na região Norte/Nordeste até os dias atuais.

Flyer "Antes da Tempestade"

Flyer "Antes da Tempestade"

Disseminando a cena Psy

No fim dos anos 90, a cena já estava bem aquecida e disseminada pelo país. Vários núcleos e festas surgiram em São Paulo e região, como "**Daime Tribe**", "**Avonts**", "**Naga Naja**" e "**Psycho Garden**". Em 99, na Chapada dos Veadeiros, também surgia a "**Spadelic**", produzida por **Kranti Pessoa**. Assim a cena nacional de Psy Trance começava a ganhar forma e consistência.

"Daime Tribe"

"Naga Naja"

Assista: Goa Gil @ Daime Tribe(Brazil 05-25-02)

Assista: Rave Avonts 1999 na fazenda Arujabel

Primeiro Festival no Brasil

Foi no ano 2000, no litoral norte de São Paulo, que o primeiro festival de "Psy Trance" aconteceu no Brasil: "**Celebra Brasil**". O festival teve 4 dias e 3 noites de duração, sendo o primeiro evento a trazer uma atração internacional para o Brasil. Essa foi a 1ª edição do festival, tendo reunido entre 2 a 3 mil pessoas, segundo seu idealizador Max Lafranconi. Houve ainda mais 2 edições do festival: em Paraty-SP (2002) e Arujá-SP (2003), com público de 3 mil e 2 mil pessoas, respectivamente.

Assista: Celebra Brasil 2000

Da festa para a cidade, da cidade para a festa

Em 2001, com a chegada e a popularização da Internet no Brasil, as coisas mudaram um pouco. A disseminação da cena se intensificou bastante, se estendendo a todos os 4 cantos do país. A partir dali o que se conhece é história, surgindo grandes festas com públicos massivos, vide "**Kabballah**", "**Tribe**", "**Universo Paralello**" e a própria "XXXperience", que agora já conta com milhares e milhares de pessoas comparecendo em suas edições por todo o país.

A nova tecnologia mudou, de fato, a maneira de se comunicar, trazendo novas ferramentas para divulgação e comunicação entre público e festa. A mudança veio com pontos positivos, como a maior facilidade de conhecer algum evento ou entrar em contato com outras pessoas da cena. Mas teve seus pontos negativos também. Segundo Rica Amaral, antes do "boom" da Internet, "*as pessoas levavam a festa para a cidade e não a cidade para a festa*", fazendo alusão a inversão de valores que as novas tecnologias começaram a propiciar a partir dali.

O celular é um bom exemplo dessa faca de dois gumes chamada "tecnologia": pode ser usado para pegar coordenadas de um evento mas também pode ser uma distração dentro do próprio evento. Um paradoxo, talvez. Vemos isso com muito mais intensidade nos dias atuais, inclusive. As questões e debates sobre as redes sociais, por exemplo, vem sendo discutidas constantemente. Prós e contras são levantados o tempo todo, por toda a sociedade. Mas a verdade é que não há muito o que fazer, a tecnologia está em constante mudança e evolução, por consequência a nossa sociedade também.

Cabe a nós utilizarmos tais ferramentas tecnológicas com sabedoria e ponderação, pois estamos cada vez mais sujeitos às suas influências. Afinal, é através delas que essa matéria está chegando até você, leitor.

Créditos:

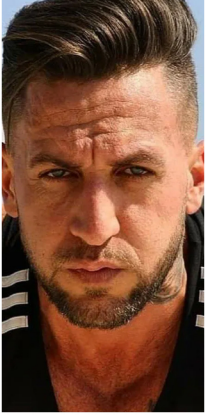
Max Lafranconi

Rica Amaral

Danilo Barreto

Musicnonstop.uol.com.br

DJ PHALCOM



COLUNA

MENTE BLINDADA: Aperta o play!

Se tem um momento que eu amo ficar "na bolha" é durante meu treino. Já logo pego meu fone de ouvido, escolho aquela sequência "**BRABA**" de músicas e me desligo um pouco de tudo para focar nas minhas séries.

Na musculação, prefiro ouvir meu **Tribal progressivo** e **Rock**, que me ajuda a manter uma **VIBE** alto astral e buscar um bom rendimento no treino com cargas. Já no aeróbico, consigo estudar por exemplo, ouvindo um Podcast e também (confessando em 3-2-1), vou do sertanejo raíz até dublar grandes clássicos (risos).

VIBE E HIPERTROFIA

Ouvir um bom som otimiza muito sua resposta hormonal durante o treino, e se busca alto rendimento, entrar na vibe atua diretamente na ação de inibir o **Catabolismo** (perder massa magra), que possibilitam mais concentração, motivação, alto astral e retardar fadiga durante uma série intensa na Musculação.

PERGUNTA PRA QUEM ENTENDE

Perguntei para o DJ **LOURENZO**, que também é produtor, se ele durante suas inspirações para criar uma **TRACK**, pensa no quanto pode diretamente proporcionar de **ENDORFINA** (bem-estar – prazer) não só para a galera das pistas, mas também quem curte mandar um treino. Chega junto DJ Lourenzo, e conta para os amigos leitores da **MENTE BLINDADA**, sobre os bastidores da produção musical, que inclusive, eu tenho muita curiosidade de saber:

"Opaaa! Boa pergunta. Na verdade, quando vamos criar uma música pensamos em várias coisas, mas a primeira delas é: Qual tipo de sentimento eu quero provocar com essa música? Alegria? Nostalgia?

Sabemos que as pessoas ouvem as nossas músicas não somente nas pistas, mas no carro, indo para o trabalho, nas academias e nos encontros com os amigos.

Independente do sentimento que queremos provocar, a principal consequência que queremos causar é justamente essa sensação de bem-estar ou prazer.

Queremos despertar sensações boas nas pessoas, independente do lugar que essas pessoas estão ouvindo a nossa música.

Se for na pista de dança, que as pessoas tenham alegria, ou aquela nostalgia gostosa, se for na academia, que sirva de motivação e gás para que as pessoas façam os melhores treinos, se for no encontro com os amigos, que eles possam compartilhar os melhores momentos juntos."

DA PISTA PARA OS PALCOS

Com muitas histórias pra contar nesses 15 anos de carreira e só pra ter idéia, tocou em 20 países, o convidado DJ e PRODUTOR **BRUNO PACHECO**, vai nos contar um pouco se pode rolar alguma tendência na música eletrônica em 2022, levando em consideração que o "Braaabo" é total do LIFE STYLE.

Solta o verbo, Brunoooo:

"A música eletrônica está numa evolução constante, com novas sonoridades, estilos e vertentes.

Vejo uma tendência das músicas cada vez mais curtas, onde o artista já traz o refrão pro começo da música e ela é repetitiva, que é uma receita perfeita para viralizar.

2022 vem só firmar a consolidação do Pop brasileiro, os artistas brazucas deste segmento estão cada vez mais em playlists mundo afora. Acredito que o Pop Rock dos anos 2000 volte com mais força, seria uma espécie de revival.

Uma coisa bacana que vem crescendo nestes últimos anos são as collabs entre artistas e ou feat, que é a junção de artistas que geram ótimas produções. O estilo pisadinha, forró eletrônico, vejo super em alta também, ou seja, você tem muitas opções pra poder treinar com seu estilo musical."

FAAAAAAAAAAALA, SANTANA!

Confesso que estou curtindo muito saber o ponto de vista dos responsáveis por alegrar nossos dias com muita VIBE, e algo que gosto é me identificar inclusive com atitudes do Artista, de alguma maneira eu acabo lendo sobre o Artista, isso potencializa a comunicação e o poder de ASSIMILAÇÃO da música na minha vida.

QUEM NUNCA?

Algumas músicas eu volto umas 4 vezes na sequência, por alguma virada de som ou letra marcante (confessaaaaa rsrs).

DESCONTRAIR FAZ BEM...

Conhece algum amigo ?

FAZ CARA DE MALVADO NA ACADEMIA, MAS ESTÁ OUVINDO UM MODÃO FOGO NO PARQUINHO

Não poderia de forma alguma faltar uma participação tão especial de uma mulher EMPODERADA, cheia de garra e que não sai de casa para brincar, e quando digo isso, eu já logo penso em intensidade e naquela batida mais acelerada que já me fez ir direto para o AFTER algumas vezes (muitas rs) – DJ **FRAN ALBUQUERQUE**, você que está acostumada a "*grudar a pista no teto*", conta pra nós: **Quanto tempo de carreira de DJ? E curiosidade, na sua PLAYLIST que som não pode faltar?**

CHEGA JUNTO FRAAAAN

"*Primeiramente é um prazer estar fazendo parte disso. Sou DJ há 6 anos mas a música corre em minhas veias desde criança. Digo que a música é o meu oxigênio, já me levou para lugares em que jamais imaginei chegar. Hoje venho colhendo vários frutos e eu só tenho a agradecer. E o som que não pode faltar na minha playlist com certeza é o Tribal House, é o som que eu mais amo no mundo, e acredito que deveria ser expandido para mais lugares.*"

CONCLUSÃO

Eletrônico, sertanejo, funk, rock ou pop, não importa o seu gosto musical, só não deixe de praticar atividade física! E agora que já conhece alguns benefícios de treinar ouvindo uma boa música, aproveite e mantenha o foco nesse ano de 2022 com muita disposição e qualidade de vida.

MARCELO SANTANA

ENTREVISTA

A arte de Bry Ortega

Bry Ortega é um artista que vem atraindo atenção para o seu trabalho através do seu virtuosismo musical, performances que sempre entregam um diferencial e um carisma genuíno. Produtor hoje voltado para o Techno, Bry se envolveu com a música na infância através da bateria, instrumento que faz parte da sua identidade até o presente momento.

> **...a bateria é uma extensão do meu corpo e a música é a forma como ele se comunica.**
> Bry Ortega.

O músico curitibano abrange diferentes meios de expressar sua arte sempre com excelência, um verdadeiro "Showman". *Confira agora mesmo* o bate-papo com Bry Ortega:

Primeiramente queremos agradecê-lo por aceitar nosso convite. Vamos lá! Seu envolvimento com a música começou muito cedo, você teve contato com diferentes instrumentos e estilos, até que você se encontra na bateria. Como foi o momento em que você percebeu essa paixão pela bateria?

Eu que agradeço pelo convite e com certeza será uma honra poder somar por aqui. Vamos lá, depois de ter passado por algumas pequenas experiências com outros instrumentos na escola, aulas de teclado e violão e por sempre gostar de músicas com muito groove, pois recebi a influência desde pequeno do meu pai com ACID Jazz, Rock e muita musicalidade internacional, fiz uma aula teste com bateria aos 13 anos de idade, e foi algo de conexão muito forte, pois eu entendia aquilo como "*colocar ritmo na minha vida como um todo*", foi único.

Por eu ter passado por vários instrumentos e a bateria ser algo caro e complexo na época, meu pai me testou por 1 ano para eu ter minha primeira bateria, fiquei tocando todo esse tempo nos travesseiros, almofadas e o que pudesse montar o cenário da bateria, e quando dava certo, ia treinar na escola a qual eu fazia aula. Então o desejo da bateria ser uma "extensão" do Bry foi intensa nesse processo.

Muito tempo depois, quando já estava com a minha bateria e começando a gravar meus primeiros álbuns, meu pai me contou que ser baterista era uma vontade dele, porém nunca havia me falado para não influenciar na minha decisão. Então eu encaro tudo isso como uma missão, a bateria é uma extensão do meu corpo e a música é a forma como ele se comunica.

Assista: Bry Ortega LIVE
Playing for Change Day at Opera de Arame (Inside)

Loiro (Gabriel Gritten).

Você teve uma rica influência musical antes de entrar para o universo da E-Music. Fale um pouco sobre esses estilos musicais que fizeram parte da sua vida, como foi sua relação com eles?

Eu costumo dizer que somos sempre o resultado de tudo aquilo que experienciamos desde nossa infância, e eu tive a grata oportunidade de ser influenciado pelo meu pai por Acid Jazz, Jazz, Rocks clássicos e grandes nomes do Pop da época, como Michael Jackson, Madonna, entre outros que também era costume ouvirmos todas as manhãs em minha casa para acordar.

Isso foi me formando musicalmente e tiveram total influência em todas as etapas da minha carreira, foi como uma base, um alicerce, pois acabei começando com uma banda de rock nacional, depois tive uma banda de R&B e Soul Music, aí passei por bandas de Metal progressivo como (Dream Theater, Symphony X e etc.), o qual foi um gatilho para algumas coisas que ouvia quando era criança. Também tive bandas cover de Rock Clássico como Led Zeppelin e tive a oportunidade de termos aquelas famosas "Jam Sessions" nos bares de Blues com 4 horas pra mais, somente trocando os músicos sem parar os temas.

Tudo isso parece que foi extensão do que eu ouvi desde pequeno, então de certa forma fizeram parte da minha formação e também das minhas experiências nos palcos o que claro, também me enriquece na forma de criação e repertório para me inspirar a novas sonoridades e experiências dentro da música eletrônica, tanto nas produções como no formato de tocar.

Assista: This is @bry_ortega's take on 'Park People' out now.

Como você se envolveu com a música eletrônica?

Desde pequeno já tentava algumas coisas em casa com meu pai e seu som da Polyvox, na época com os decks de vinil e cassete, depois com 2 decks de CDs e já brincava em fazer algumas coisas. Porém com as bandas, turnês e shows acabei deixando de lado e em 2008 eu acabei fazendo o curso de DJ na AIMEC Curitiba – já gostava de ir em festas, festivais e sempre acompanhei o que estava rolando na cena, e nesse tempo quis ir para entender "como era esse universo" como artista e não como apreciador.

Aí que iniciou minha jornada, conheci o LIVE do Gui Boratto na época e aquilo me encantou, pensei comigo "*é isso que eu quero fazer*". O que para minha surpresa foi muito interessante ver a arte ser criada ao vivo, assim como eu fazia nas bandas. Me formei na **AIMEC**, porém comecei já a estudar tudo sobre LIVE PERFORMANCE, e assim foi que em 2013 eu comecei a soltar minhas produções e mostrar por vídeos no Youtube os primeiros passos do meu Live.

> **"Tive contato com muitos "live performers" do mundo todo e pegava sempre o que me chamava mais atenção de cada um para somar naquilo que eu fazia e do meu jeito, para que não ficasse parecido com nada, mas sim com a identidade do Bry Ortega."**
>
> Bry Ortega.

Você se tornou um respeitado produtor musical e focou no formato LIVE. O que fez você optar por esse formato de apresentação e como ela é construída (elementos, instrumentos, sonoridades)?

A primeira coisa que me chamou a atenção e que me fez somente fazer esse formato foi a liberdade de criação, não só da música, mas da experiência. Também por ser muito próximo ao que tinha como banda, pra mim como músico era uma realização, poder juntar as duas coisas em um único momento. A parte de ter que ensaiar muito, preparar habilidades e criar novas formas de tocar para ir lapidando a dinâmica, que foi algo que sempre priorizei no meu live, foram as que mais me motivaram. Anos de testes, muitos erros e vários riscos ao vivo que foram criando um formato único no meu jeito de tocar. Juntar os instrumentos como bateria no momento que eu quiser e também transformar os temas em qualquer estilo de acordo com o momento criado na pista são coisas que eu estudei para poder passar durante a apresentação por diversos momentos.

Foram anos de estudos, incansáveis treinos, muitas falhas, mas também muito conhecimento adquirido, aprendendo com diversos formatos, quase nunca no estilo que eu tocava. Tive contato com muitos "live performers" do mundo todo e pegava sempre o que me chamava mais atenção de cada um para somar naquilo que eu fazia e do meu jeito, para que não ficasse parecido com nada, mas sim com a identidade do Bry Ortega. Por último, a coisa que para mim é extremamente importante, é poder me colocar à prova o tempo todo, seja em habilidade, na sonoridade e principalmente na energia. Isso é desafiador e me faz cada dia querer aprimorar o que faço no Live e entregar meu melhor para quem estará desfrutando dessa experiência comigo.

Fale um pouco sobre lugares em que você já se apresentou no exterior.

Graças a música pude estar em alguns lugares incríveis. Em 2013 foi minha primeira tour em Los Angeles, Las Vegas, Venice Beach, San Francisco, Querétaro e Guanajuato, no México. Foi onde comecei a mostrar os primeiros passos do meu Live, e depois disso que me apresentei pela primeira vez valendo no Brasil. Após isso e de ter rodado bastante minha arte por aqui, em 2018 fizemos Argentina e a tão sonhada Tour da Europa, que fui parar em Londres, Ibiza, Berlim e Amsterdam, o que me colocou na rota de alguma das principais festas e clubs da Europa como a Ministry of Sound, o qual tive o privilégio de fazer o Réveillon e outras datas importantes do club na pista principal. Europa já é quase a segunda casa e nesse próximo ano teremos muitas datas novamente por lá, inclusive para mostrar novos projetos e formatos que estamos preparando.

Bry Ortega. Foto: Loiro (Gabriel Gritten)

Falando em Europa, fale mais sobre sua passagem pelo velho continente, especificamente em como essa experiência agregou como músico/produtor.

Foi algo desafiador quando realmente começou a acontecer, pois eu larguei tudo no Brasil para ficar por um período lá além dos shows. Esse tempo intencional foi para uma imersão em estudos com vários produtores renomados, me reencontrar na essência, na identidade sonora e entender a cena como um todo na Europa. Isso tudo fez com que meu Workflow tanto nas produções como no Live performance tivessem uma grande virada, não só na qualidade, textura e lapidação das produções, mas principalmente na maturidade sonora que começou a acontecer em toda a minha arte, que é reflexo 100% do Bry. Então essa evolução aconteceu mutuamente em mim para poder repassar da maneira certa para o público.

Assista: Here is @bry_ortega with his spin on 'Park People' by @realadambeyer.

Sua apresentação no Opera de Arame ficou super conhecida, como foi a experiência?

Com certeza uma das preparações mais especiais em meio a pandemia. O convite veio pela **Playing for Change Internacional** para representarmos e atuar como anfitrião com a música eletrônica no evento internacional que reuniu vários artistas do mundo todo, e dessa vez seria por meio digital já que estávamos impossibilitados de fazer shows. Nós desenhamos o Show em alguns dias com a minha equipe para entregar o melhor em tempo recorde e assim fizemos acontecer.

Além do propósito ser muito grande, que era ajudar as crianças do mundo todo pela educação com a música e representar a música eletrônica pela primeira vez no mundo com o evento, para mim foi uma verdadeira missão poder entregar minha arte a tudo isso de forma tão mágica e com muita qualidade.

Bry Ortega. Foto Loiro (Gabriel Gritten).

Você vem fazendo um trabalho de mentoria no mercado, como funciona todo o processo? Pode citar alguns artistas que já participaram?

Esse trabalho é algo que surgiu a pouco tempo com o intuito de compartilhar meu conhecimento de anos, desde Live performance à mindset e posicionamento artístico com algumas pessoas específicas, sim, somente algumas pessoas fazem parte da mentoria e acabou que funcionou como um processo de seleção. Dentro de tantos pedidos acabei escolhendo alguns que tinham a mesma linha de propósito com a música e também que estavam preparados para receber o que eu poderia compartilhar.

Continua sendo algo bem específico, não aberto a todos justamente para que quem receba entenda o processo de forma única e dê o devido valor ao que estamos compartilhando, assim também formamos uma pequena família de artistas que visam a música não só como um meio de fazer suas carreiras, mas vivem isso com o devido respeito a arte, os transformando cada vez mais em artistas de alma e com essência.

Assista: He's back... putting the drum in Drumcode

Adam Beyer, Drumcode, Monika Kruse, você teve seu nome vinculado a esses gigantes. Conta um pouco pra gente!

Um presente em meio a pandemia. Em um dos meus dias de treino de bateria no studio, resolvi colocar uma música do **Joyhauser** e acabei gravando o primeiro vídeo colocando minha interpretação de bateria em cima da track Elements, lançada pela TERMINAL M, Gravadora da **Monika Kruse**. Eu não havia contado a ninguém, simplesmente postei e deixei a coisa toda acontecer porque não sabia onde isso iria dar (rsrs). Por fim esse vídeo viralizou de uma forma absurda, eu realmente fiquei muito surpreso pois via os artistas repostando e comentando sem parar não somente nas redes sociais, mas entre eles nas conversas que chegavam até mim. Assim acabei fazendo outro logo depois com uma Track da **DRUMCODE**, que envolvia **Adam Beyer**, **Green Velvet**, **Layton Giordani** e **Pleasurekraft**.

Assista: live performance by @bry_ortega to my track Latex

O que ficou mais surpreendente ainda quando a Drumcode me pediu o vídeo para repostar na íntegra, todos os artistas fizeram o mesmo e começaram a me mandar mensagens, comentar sobre e fazer mais. Assim foram com mais 2 vídeos, o qual a Drumcode me apelidou de #DRUMCODEROFICIAL nas postagens de todos os vídeos, mal eu esperava que estava por vir um convite mais que especial de Adam Beyer para fazer um vídeo para o lançamento do seu **EP Park People**.

Assista: DRUMcode

Isso foi incrível e mais uma vez tivemos uma avalanche de reposts e comentários no mundo todo. A repercussão entre os grandes nomes do Techno foi tamanha a ponto de receber várias mensagens e convites para fazer participações de diversas formas, até que nesse último, veio mais um convite especial pela Monika Kruse para o lançamento da track "Latex", que também foi impactante e repercutiu imensamente. Sempre é incrível receber os feedbacks de todas as pessoas e principalmente desses grandes nomes o qual citei aqui, que reafirmam sempre sobre a interpretação única, expressão e a identidade como os pontos altos da minha arte.

Tem algum artista que você gostaria de indicar para nossos leitores?

Com certeza indicaria a acompanhar de perto todos os brasileiros que estão fazendo história no Techno mundial: **Anna**, **Wehbba**, **Victor Ruiz**, **Alex Stein** e **Vinicius Honório**. São nomes que além de nos representar de forma grandiosa estão desbravando novos horizontes sempre e nos ensinando muito sobre posicionamento, carreira e identidade sonora.

Hoje quais são os planos para o Bry Ortega como artista?

São muitos, temos um planejamento enorme para cumprir nos próximos anos com vários projetos que estão acontecendo na minha carreira. O que posso dizer é que com certeza vem surpresa com o meu show intitulado "**Live 369**", que trarão a prova todas as minhas habilidades unificando tudo em um único formato, trazendo muito sobre experiência energética, sonora e visual ao vivo.

Aguardem com muito apreço pois será algo único.

Teremos muitas tracks novas chegando com lançamentos agendados até o final de 2022, as quais foram feitas durante esse período off que passamos.

Além disso, estamos preparando mais novidades relacionadas a experiências visuais, percussivas e orquestradas que vão fazer as pessoas interagirem de uma forma nunca vista no Brasil.

Confira agora uma playlist do Bry Ortega especialmente criada para a Colors DJ:

SPOTIFY

SOUNDCLOUD

YOUTUBE

TIAGO JERÔNIMO

Nesta sexta, os astros Alok, Luis Fonsi, Lunay, Lenny Tavarez e Juliette apresentam a faixa "Un Ratito"

A espera acabou! Após figurar entre os assuntos mais comentados do Twitter, a faixa "Un Ratito" chega às plataformas de streaming nesta sexta-feira (14), via **Universal Music**, na promessa de embalar o verão latino-americano.

Além da já revelada parceria entre **Alok** e **Juliette**, o single traz a participação dos porto-riquenhos **Luis Fonsi**, **Lunay** e **Lenny Tavárez**, fazendo desta mistura entre Brasil e Caribe resultar em um reggaeton pop e suingado.

Para brindar esse tão esperado encontro, Alok e Juliette fizeram uma live no Instagram, onde revelaram as curiosidades do processo criativo da música.

"Un Ratito" estabelece também alguns marcos: é o primeiro lançamento de Alok para 2022 e a primeira vez que Juliette Freire assina a composição de uma música. Sem falar nos expressivos números dos cinco artistas que, somados juntos, chegam a mais de 71 milhões de ouvintes mensais somente no Spotify.

"'UN RATITO' já vem com muitas histórias. Ela foi iniciada há vários anos, esperando a melhor oportunidade para ser lançada. Com o tempo, foi tomando uma forma cada vez mais interessante. Chegou agora na sua versão final, extremamente envolvente, com o tempero de grandes artistas que admiro muito", diz Alok.

A música tem uma atmosfera de festa à beira-mar e fala sobre flerte e sedução, imbuídos de uma energia dançante, solar e tropical.

Feliz com o convite feito por Alok, Juliette conta como se sentiu ao participar da faixa e afirma que acha importantíssimo se desafiar como artista:

"Quando o Alok me convidou para participar da música eu quase não acreditei. Foi uma honra gravar com um dos maiores DJs do mundo. Além de um excelente profissional, ele é uma pessoa maravilhosa! Acho super importante me desafiar, fazer algo diferente do que tenho feito, sabe? E foi justamente o que aconteceu nessa música. Espero que as pessoas curtam esse trabalho que fizemos com muito carinho".

Além de Alok e Juliette, no time de compositores estão Luis Fonsi, Edgar Barrera, Oscar Hernandez, OHYES, Rodrigo Rolando Mata Marrón, Julio Manuel Gonzalez, Cristian Andrez Salazar, Jenifer Osorio Moreno, José Neto Abrantes, Jefferson Jr, Umberto Tavares e Kevin Daniel Brauer de Oliveira.

Já entre os porto-riquenhos, Lunay é um dos nomes em ascensão que mistura reggaeton, trap e outros estilos latinos.

"Essa é a minha segunda parceria com artistas brasileiros. Dessa vez ao lado de Alok e Juliette, o que me deixa feliz e agradecido em participar desse trabalho".

Ainda neste mês, a música ganha um videoclipe, gravado no Rio de Janeiro e em Miami, dirigido por Anthony Millan e Cauã Csik, com quem Alok trabalhou anteriormente em "Joga Duro".

Alok e Juliette. Foto: Reprodução/Instagram.

Alok lidera atualmente o ranking do Spotify de artista brasileiro mais ouvido no mundo, com mais de 19 milhões de ouvintes mensais e um repertório que soma mais de quatro bilhões de streams só nessa plataforma de música. Já Juliette é uma das maiores revelações do Brasil, tendo o maior recorde de streams em lançamentos até hoje, com mais de 5.9 milhões de plays nas primeiras 24 horas em que lançou o seu autointitulado EP de estreia. Com mais de 20 anos de carreira, Luis Fonsi acumula mais de 18.6 milhões de ouvintes mensais no Spotify. Hoje (13), seu hit mundial "Despacito" completa cinco anos de lançamento. Apresentada em 2017, a música já foi ouvida mais de 605.676.018 de vezes só no Brasil, bateu inúmeros recordes globais e se tornou um grande marco na história da música latina. Seu videoclipe é o segundo vídeo mais visto no YouTube, com 7.7 bilhões de visualizações, e continua a ser uma faixa com o melhor desempenho globalmente.

LETRA "UN RATITO":

Entonces dígame usted
si quiero que hable con respeto distancia y con precaución
entonces dígame usted
si de una vez nos besamos, y salimos de esto

Pagar pra ver qual é a consequência
Se demorar eu perco a paciência
Agora não tem saída
Porque uma noite comigo é só uma chance na vida

Aunque sea un ratito y ya (na na na na na)
Você tem que me provar (na na na na na)
Não demora pra beijar (na na na na na)
Aunque sea un ratico y ya (na na na na na)
y ya ya y te vas..

Te vas antes que salga sol
pero en la oscuridad
me das la media luna.
(Woo)
Te sientes perdía'
si no soy yo.
Y yo sin ti soy Camilo
Sin Eva Luna.
Mami,
no me pidas que le baje.
A ti no me reuso
mira donde estoy metio'
(Shiu)
Yo te doy permiso úsame.
Si te quedas
otro ratito conmigo.
(Ay)

Tu me seduces
y te tiento,
sabes que hace tiempo
tú me gustas tanto.
Fanatica
de que navegue
en tu cuerpo.
Aunque para mi sea un templo
yo no soy un santoooo

(Baby pero quédate)

Tú eres mía sin papeles
Vas a gritar mi nombre por más que fronte
Cómo rebotan en la disco las booties, booties, pero el tuyo es de verdad da
Por eso estoy buscando una relación con eso allá atrás tra.

DIEGO AGANETTI

Jeff Valle lança o seu 5º EP experimental trazendo a energia das Estrelas em forma de música

As Estrelas, são visíveis da Terra são guias e inspirações para poemas e músicas.

Majestosas, formam extensos e misteriosos catálogos estelares, trazendo toda a grandiosidade que representam para este novo projeto da série de EPs experimentais do DJ e produtor **Jeff Valle**.

Asteria αστέρι traz um conceito poético e ao mesmo tempo dançante, onde o Corpo reflete o que a Alma busca em sua eterna viagem. Nós somos todos feitos de estrelas, cada um trazendo em si a magia e o brilho na riqueza de ser. "*Não é difícil alimentar pensamentos admiráveis quando as estrelas estão presentes.*"

E agora, Jeff vem falar um pouco de como foi o processo criativo do EP, da construção e inspirações para este projeto. *Confira agora mesmo*:

Quais foram as suas influências para seguir essa temática do EP?

Asteria αστέρι é o penúltimo EP da minha série experimental que vem trazendo como inspiração às estrelas, nossas DIVAS. MUSAS LUMINOSAS.

Um EP com 5 faixas sendo que duas são interludes, uma feita com o querido e talentoso Kael, que trabalho mais uma vez neste projeto de EPs.

Quais as referências para esse trabalho?

Continuo em uma fase apostando em ousadia, em misturar. Tenho amado ouvir trance… Deep House… e também músicas da época da Disco, sempre tão mágicas e envolventes.

A época da Disco foi revolucionária e Asteria tem essa pegada com alguns elementos que adaptei.

Como foi o processo criativo do EP?

Tenho andado com o tempo bem curto e aos finais de semana tenho me dedicado mesmo em idealizar os projetos. Li bastante sobre o tema (Asteria) para poder desenvolver as faixas.

E quando o tema é, como é e o que tem fora de nosso lindo planeta azul é muito inspirador… Uma infinidade de informações.

Qual a mensagem que você deseja passar com esse lançamento?

Ousar… Não ter medo do diferente.

Devemos escrever caminhos diferentes, a música é infinitamente livre, devemos através dela nos expressar.

Rótulos nos torna prisioneiros e a música é um dos caminhos para libertá-los.

E sobre a sonoridade das músicas do EP?

Possui synths bem diversificados… Usei alguns sons meio analógicos bem diferentes que deram esse ar especial… instrumentos de corda… Atmosferas viajantes.

Se puder adiante um pouco dos próximos passos de sua carreira.

Falta 1 EP rsrsrsr preciso bater esse martelo e iniciar uma nova etapa.

Esses EPs me trouxeram bastante experiência para seguir adiante com uma nova roupagem… Sonoridade.

Aguardem.

Ouça e baixe agora mesmo o EP "**ASTERIA αστέρι**" de Jeff Valle.

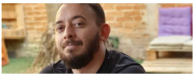
1 – Jeff Valle – Constellations Intro

2 – Jeff Valle – Star Walk (Original)

3 – Jeff Valle – Star Walk (Otherside)

4 – Jeff Valle – All Of The Stars (Original)

5 – Jeff Valle – Interlude Davi



DIEGO AGANETTI

COLUNA

O direito à participação popular como mecanismo de direito à cidade: um direito inerente para todas as pessoas

As conquistas da população LGBTI+ são de grande expressividade diante do histórico de violência vivenciado por tanto tempo. Como a despatologização da homossexualidade, bissexualidade e transexualidade; o reconhecimento da existência da família composta por casais homoafetivos; o reconhecimento institucional das pessoas transexuais, possibilitando a alteração do nome e gênero, pela mera declaração do requerente em cartório; a criminalização da LGBTfobia; o afastamento da restrição de doação de sangue por homens gays, bissexuais e mulheres transgêneros; entre outras conquistas, por menores que sejam, são de grande valia para essa comunidade. Esses direitos estão formalizados nas decisões judiciais e devem ser garantidos para a população LGBTI+, mas esse arcabouço jurídico vigente garante apenas formalmente os direitos fundamentais e direitos de personalidade dos LGBTI+, demonstrando dessa forma que o seu reconhecimento não está sendo suficiente para alcançar sua efetividade.

Entre diversos direitos que são desagregados dessa população, temos o direito à cidade, garantido através dos artigos 182 e 183 da Constituição Federal, e regulamentado pela Lei n° 10.257/2001, o Estatuto da Cidade, sendo que também deve ser garantido para a população LGBTI+. A efetivação desse direito se concretiza através de vários mecanismos, como o direito de ocupar espaços públicos e aberto ao público sem sofrer discriminações; o direito de expressar afetividade em locais públicos, assim como as mesmas manifestações sejam permitidas ou toleradas em relação aos demais cidadãos; ser inserido em estabelecimento de ensino público ou privado de qualquer nível e modalidade de ensino livre de qualquer preconceito; ter o direito de acesso ao atendimento humanizado e acolhedor em qualquer hospital, pronto socorro, ambulatório ou em qualquer estabelecimento similar de rede pública ou privada de saúde; direito ao emprego e renda; direito à moradia; direito à alimentação; direito de participar como cidadã e cidadão das esferas participativas propiciadas pelo Poder Público; e inclusive o direito de representar e ser representada e representado perante a sociedade e o Estado para expor suas demandas.

Em se tratando do direito de participação, é primordial que a população LGBTI+ faça valer tal prerrogativa, pois a mesma está garantida constitucionalmente, e se resguarda ainda nas leis infraconstitucionais. Os espaços públicos institucionalizados para a participação da sociedade são esferas que permitem que a população demonstre seus anseios e insatisfações. Por meio de diversos mecanismos, como Ouvidorias, Acesso à Informação, Audiências Públicas, Assembleias e Conselhos, sejam eles municipais, estaduais ou nacionais, a população faz com que sua voz seja ouvida pelos governantes.

MILITÂNCIA LGBTQIAP+

É válido destacar que lugares vazios são ocupados por ideologias dominantes, e as ideologias que invariavelmente são segregadas, se não buscam ocupar esses espaços, têm sempre suas demandas preteridas. Por isso a população LGBTI+ deve estar atenta para esses espaços, nas mais diversas áreas, nos mais variados contextos, promovendo uma interseccionalidade de discussões, para que seus direitos sejam garantidos e efetivados junto ao Estado.

Os Movimentos Sociais, em boa parte das oportunidades, procuram ocupar e fazer valer os direitos de seus representados nessas esferas, entretanto, não é o suficiente, sendo que as pessoas LGBTI+ antenadas e informadas sobre o que o Estado propõe, podem fazer com que políticas públicas, por exemplo, sejam direcionadas para as finalidades dessa população.

A luta sempre foi constante, e na contemporaneidade não está sendo diferente, pelo contrário, direitos estão sendo tolhidos, desrespeitados e até retirados. O estado de atenção deve ser máximo, para que retrocessos não ocorram, mas sim avanços. É por essa razão que não somente pessoas LGBTI+, mas todas as demais pessoas que lutam por suas pautas, devem fazer valer seus direitos de participação, concretizando o direito à cidade e assim a implementação de políticas públicas que viabilizarão a melhoria em suas vidas.

HEBERT VILLELA

COLUNA

Vamos conversar sobre linguagem neutra? (Parte III)

Chegamos até aqui, na parte III, desta nossa conversa sobre linguagem neutra, mas se você não acompanhou o percurso que estamos fazendo, leia as colunas anteriores (Vamos conversar sobre linguagem neutra? Parte I) e (Vamos conversar sobre linguagem neutra? Parte II).

Vou te colocar a par deste papo, é o seguinte: eu resolvi propor esta conversa sobre linguagem neutra, pois me deparei com uma publicação compartilhada no Facebook, de um texto de uma professora de português falando sobre a linguagem neutra, então, depois de lê-lo, decidi me posicionar.

Lembrando que esta coluna-resposta está sendo dividida em partes, porque o tema é complexo e não quero tratá-lo de forma superficial.

Na parte I, eu abordei dois tópicos fundamentais: identidade docente e educação linguística na educação básica. Eu comecei com a filosofia da educação justamente para que no final da série você possa compreender como podemos tratar esta problemática.

Na parte II, falei sobre a língua(gem) ser um sistema organizado, mas não por isso incoerente e que pode se alterar de acordo com o contexto sociocultural na qual está inserida.

Nesta parte, trato ainda sobre aspectos relacionados à linguística, e vou continuar usando a dialogação escrita como recurso didático, a fim de me fazer o mais claro possível. Além disso, uso dados da história da língua portuguesa. Quero reiterar que a ideia é lançar luz sobre o tema e de modo algum propor normatizações, até porque a língua(gem) é dinâmica.

Bom, dito tudo isso, continuo, então, com a dialogação escrita com o texto original da professora. Vou marcar o texto dela em negrito e entre aspas e o meu comentário em fonte normal.

O texto dela começa assim:

"Vamos conversar com a tia.

Não sou homofóbica, transfóbica, gordofóbica, nãobinariofóbica e o kralho a 4 que queiram inventar de fobias aí. Eu sou professora de português. Eu estava explicando um conceito de português e fui chamada de desrespeitosa por isso (ué).

Eu estava explicando porque não faz diferença nenhuma mudar a vogal temática de substantivos e adjetivos para ser 'neutre'.

Em português, a vogal temática na maioria das vezes não define gênero. Gênero é definido pelo artigo que acompanha a palavra. Vou mostrar pra vocês:

O motorista. Termina em A e não é feminino.

O poeta. Termina em A e não é feminino.

A ação, depressão, impressão, ficção. Todas as palavras que terminam em ção são femininas, embora terminem com O.

Boa parte dos adjetivos da língua portuguesa podem ser tanto masculinos quanto femininos, independentemente da letra final: feliz, triste, alerta, inteligente, emocionante, livre, doente, especial, sedutor, agradável, etc.

Terminar uma palavra com E não faz com que ela seja neutra.

A alface. Termina em E e é feminino.

O elefante. Termina em E e é masculino.

Como o gênero em português é determinado muito mais pelos artigos do que pelas vogais temáticas, se vocês querem uma língua neutra, precisam criar um artigo neutro, não encher um texto de X, @ e E.

E mesmo que fosse o caso, o português não aceita gênero neutro. Vocês teriam que mudar um idioma inteiro para combater o "preconceito"."

Neste último trecho, ela fala como se nossa língua fosse totalmente autonôma, como se aquilo que é externo a ela não tivesse qualquer influência em sua construção, o que é um equívoco enorme. A língua portuguesa brasileira já é uma alteração bem diferenciada do português europeu, aliás, o português moderno é bastante diferente do português anterior.

A língua é um elemento que compõe a cultura, e tudo na cultura é produzido pelo humano, ou seja, o humano por meio de algumas formas interfere na construção do idioma. Por exemplo, o uso de regras para o funcionamento da língua é uma determinação de grupos de pessoas: linguistas, gramáticos, escritores. Todas estas interferências são arbitrárias e são realizadas conforme a ideologia desses grupos que ocupam lugar de poder e privilégio.

Vamos recorrer à história para compreender esse fenômeno. A língua portuguesa tem origem na língua latina, a qual era falada em uma região chamada Lácio na Península Itálica, era a língua do povo romano. Por causa de conflitos político-histórico-geográficos, lá pelo século III a.C., quando os romanos ocuparam a Península Ibérica por meio de conquistas militares, impuseram aos derrotados os seus costumes, suas instituições, seus padrões de vida e, principalmente, a sua língua. Tudo isso reflete a cultura instaurada naquele momento ao povo daquela região.

O latim imposto foi o chamado latim vulgar que era uma variante de língua oral, de vocabulário reduzido, de uma linguagem sem preocupações estilísticas e por isso sofria frequentes e muitas alterações. Era a língua dos navegantes que invadiam, ocupavam e exploravam novas terras. Ao longo de anos, a interação do latim com as outras línguas e dialetos formou diversas outras línguas dentro do Império Romano, inclusive, a língua portuguesa.

Outro fato, a educação no Brasil até meados do século 18 era feita pelos jesuítas, havia um documento curricular, o qual funcionava como base do conteúdo pensado pela igreja católica. Neste documento constava o ensino da gramática média, da gramática superior, das humanidades, da retórica, da filosofia e da teologia. No entanto, a educação não era igual para todos, havia uma distinção determinada explicitamente pela elite colonial que morava no Brasil:

- A educação letrada no país era direcionada somente aos homens – as mulheres não tinham acesso aos colégios e eram educadas apenas para o ambiente doméstico ou para a vida religiosa;

- Os indígenas eram educados em lugares improvisados ou nas missões, e recebiam instrução catequética, ou seja, a ideia central deste tipo de educação era converter os indígenas ao cristianismo;

- Os filhos de colonos tinham um atendimento diferenciado, recebiam conhecimento em colégio e mais aprofundado.

Enfim, diante destes fatos históricos e outros vale apontar que sim, a língua tem inferências humanas com a finalidade de se estabelecer ideologias, perpetuar organizações, manter estilos de vida. Logo se grupos dominantes se esforçam para instituir e manter uma língua portuguesa que conserve o seu próprio domínio e privilégio – é possível eliminar formas preconceituosas e incluir formas mais acolhedoras.

Ela continua…

Entendam, em segundo lugar, que gênero linguístico, gênero literário, gênero musical, são coisas totalmente diferentes de "gênero". Não faz absolutamente diferença nenhuma mudar gêneros de palavras. Isso não torna o mundo mais acolhedor.

Sim, faz sim, muita diferença mudar o gênero das palavras, porque se não fosse assim, não haveria nem masculino e feminino. Além disso, não haveria um enorme esforço para manter este binarismo na língua, inclusive, ela mesma como professora age para manter esse sistema.

Um mundo acolhedor é aquele construído coletivamente com a participação de todos, onde cada um, cada grupo tem espaço para fazer valer os seus direitos, onde cada indivíduo vivente e os grupos de seres viventes têm garantidos a paz, a igualdade, a justiça, a dignidade e a liberdade. Um mundo acolhedor é um projeto de vida.

Bom, eu paro por enquanto por aqui.

COLUNA

PAPO DE TRAVA: Gosto de chás, não de cervejas

Cervejas são bebidas que se bebem rápido ou devagar, depende da localidade, da circunstância, da vontade de beber. Cerveja pode ser amarga. Cerveja pode ser doce. Cerveja pode ser saborizada, cerveja pode ser puro malte, pura cevada.

Chá são mais simples de se fazer e quando prontos estão quentes. Mesmo que você, leitor, goste dele frio, ou quente, ou amargo, ou doce, ou açucarado, ou adocicado, ou melado.

Cervejas são bebidas obrigatórias em bar. Em bar pode rolar afeto, conexões, sexo (no banheiro fedido ou até menos fedido se o bar for higienizado), fofocas, gente cuidado da vida alheia enquanto ri alto com conhecidos ou desconhecidos. Cerveja é muito aberta a tudo.

Chás são mais simples, mas são feitos em espaços privados ou com maior necessidade de etiqueta. Não é aberto a tudo. Sendo gelado ou quente. Sendo mate ou de flores de cerejeira.

Gosto de chás, suporto uma Malzbier porque é doce. Gosto, aliás, de chás doces. Gosto do papo que o chá traz. Seja uma discussão que me põe de frente com pessoas cujo pensamento é bitolado e tóxico (as quais me afasto logo após o chá ou durante); seja uma aproximação que leve a um afeto verdadeiro, gostoso e duradouro.

Cerveja em excesso pode te trazer a um lugar de vulnerabilidade. Chá em excesso pode te trazer bastante urina ou disenteria (dependendo da erva rs). Os excessos tem uma disparidade enorme, é sobre isso que esse parágrafo se refere.

Gosto de chás porque quero parar de beber refrigerantes, mas não serei hipócrita, gosto das cervejas pretas, sim. Na hora certa, por sua duração e quantidade certas. Estar aberta sempre é perigoso, às vezes é sinal de oportunidades também de afeto.

Cervejas todo dia? Cervejas a toda hora? É pedir para fugir da realidade ou criar uma máscara que evita te levar a um lugar profundo e próprio, único em cada alma embutida em cada corpo carnal.

Gosto de chás porque sou amorosa. Gosto deles frios, principalmente porque gosto de beber rápido, mas entendo que quentes são cura para bastante questões também.

Amorosa, não mais romântica. Porque os românticos bebem bastante cerveja, viu? E romance é algo que não anseio mais. Beijos, Disney. Chás podem ser de falo, de flores peludas, cervejas têm que ter cevada!

"Vou te dar uma cerveja de falo!" não faz sentido! Vou te dar um chá da minha flor! É algo totalmente chique!

Gosto de chás, não de cervejas.

O Ministério da Colors DJ adverte: se você não gosta de cerveja, interprete qualquer outra bebida alcoólica do seu agrado.

KUKUA DADA

COLUNA

Amores e Cores: Luan e Pablo

Luan levou a mão esquerda aos olhos.
E sentiu o sol tatear seu dorso.
O céu dourado através dos dedos.
Uma energia nova por todo corpo.

As ondas dissolviam doces na areia rosa.
O mar calmo, um verdadeiro contraste.
O coração pulsando forte, música e arte.
Sua timidez o deixava tonto em desgaste.

Pablo, um amigo gentil e de sorriso fácil.
Daquelas pessoas especiais de próprio brilho.
Sua pele morena de sal, areia, tão lindo.
Sua alma afetuosa para Luan o gatilho.

Os dois estudaram na mesma escola.
E estavam desencorajados da adulta vida.
Pablo do serviço desencontrado, um surfista.
Luan o artista sonhador, um desenhista.

Mas voltemos à praia para o esperado clímax.
Quando tudo aconteceu num sopro de rima.
Os seus olhos enamorados e Pablo já em cima.
A camisa do Luan na areia, peitoral exposto, sua sina.

O beijo continha sabor de sol e ousadia.
A gargalhada seguida também o tinha.
De onde veio a bravura repentina?
Luan descortinou a cicatriz até então íntima.

Era ela o seu orgulho, sua paixão e verdade.
O Luan de sempre, sua essência e masculinidade.
Dois sinais para contínuo lembrar da operação.
Duas marcas no peito para inteirar o coração.

Então os dois se deitaram coladinhos e anestesiados.
O céu ainda mais colorido para o epílogo esperado.
E de mãos dadas flagraram, no alto, pássaros inesperados.
E imaginaram o cair de flores para coroar os recém namorados.

SAMUEL STRAPPA

COLORSdj

NOSSA EQUIPE

Sandro Arnaldo - Sócio Proprietário - Administrativo
Diego Aganetti - Sócio Proprietário - Editor-Executivo
Barbara Anastácio - Advogada - Jurídico
Cadu Bondezan - Editor-Chefe

MÚSICA

Adna Dantas
Diego Aganetti
Tiago Jerônimo

NOTÍCIAS

Orly Fernandes
Rodrigo Sobrinho

HISTÓRIA

DJ Phalcom
Rodrigo Sobrinho

PROFISSÃO

Marcelo Santana
Tiago Jerônimo

I.D.

Diego Aganetti

VOZES

Hebert Villela
Kukua Dada
Samuel Strappa
Saveda

CONTATOS:

POP - imprensapop@colorsdj.com
TRIBAL - imprensatribal@colorsdj.com
UNDERGROUND - imprensaunderground@colorsdj.com
HISTÓRIA - imprensahistoria@colorsdj.com
PROFISSÃO - imprensaprofissao@colorsdj.com
I.D. - imprensaid@colorsdj.com
VOZES - imprensavozes@colorsdj.com

IVAN T. DESIGN STUDIO
www.ivantdesign.com.br